

revista on line

Imediata

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÍNTIA TEIXEIRA DOS SANTOS
ORIENTAÇÃO: AGLAIR M. BERNARDO
JORNALISMO 1999

revista em line

Imediata

Imediata é o Trabalho de Conclusão de Curso das alunas Cíntia Teixeira dos Santos, Renata Nymberg e Stella Bousfield, sob orientação de Aglair M. Bernardo e co-orientação de Clóvis Geyer.

Banca examinadora:

Presidente: Aglair M. Bernardo

1º membro: Clóvis Geyer

2º membro: Henrique Finco

Suplente: Regina Carvalho

Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo
Dezembro de 1999

A FORMAÇÃO DA DUPLA E DE COMO SURTIU A IDÉIA INICIAL	2
DELIMITAÇÃO DO TEMA	3
AS DIFICULDADES COM O PROJETO E DE COMO O TRIO FOI FORMADO	4
PLANOS E A ESCOLHA DO NOME	5
REVISTA IMPRESSA?	6
TENTATIVAS FRUSTRADAS	7
DESAPONTADAS E DE COMO MUDAMOS DE IDÉIA, MAIS TARDE	8
DREAMWEAVER E CRÍTICAS	9
PROBLEMAS COM O LANÇAMENTO...	10
A HORA DA OPINIÃO PÚBLICA E O PORQUÊ DOS FUNDOS COLORIDOS	11
CAPÍTULO À PARTE, MAS NEM TANTO À PARTE ASSIM	12
A GENTE GANHA POUCO MAS SE DIVERTE...	13
E OS AGRADECIMENTOS VÃO PARA...	14
BIBLIOGRAFIA	15

A formação da dupla e de como surgiu a idéia inicial

A idéia de fazer uma revista como Trabalho de Conclusão de Curso, fosse ela impressa ou eletrônica, soava muito bem para mim. Inicialmente pensava em fazer uma grande reportagem apenas por não querer encarar o desafio de arcar com um projeto gráfico, consideravelmente mais complicado, sozinha. Até então nunca tinha conversado com algum colega sobre a possibilidade de fazer uma parceria para o projeto. Procurei, durante todo o curso de jornalismo, trabalhar em cima de assuntos que ainda causam estranheza aos olhos de muitos, temas considerados polêmicos, homossexualismo, drogas, aborto, prostituição. Sempre considerei temas como estes chamariz de potenciais leitores. Afinal de contas as pessoas procuram estar informadas em relação a aquilo que são contra ou são a favor. Ter a possibilidade de montar uma publicação que lidasse com um público, feminino, vá lá, mas não restrito, e que tratasse de assuntos como os acima citados seria inspirador.

Então surgiu a Stella Bousfield, e depois de muito bate-papo descobrimos que uma revista feminina era o grande objetivo de nós duas. Ótimo. Ambas seguíamos a mesma linha de pensamento, gostávamos dos mesmos assuntos e tínhamos basicamente as mesmas dúvidas a serem sanadas, o que aconteceria através da revista. A idéia se concretizou na aula de Projeto Editorial e Gráfico, com o professor Henrique Finco, quando aprendemos como montar uma publicação. Montamos o boneco, criamos um logo, fizemos o orçamento, discutimos pautas. Estávamos entusiasmadas com a idéia.

Delimitação do tema

O tema escolhido por nós duas foi o de uma revista dirigida para mulheres, mas que se diferenciasse das que já circulam no mercado editorial de hoje. Apontamos diversas deficiências e lacunas que publicações como "Nova", "Cláudia", "Capricho" e "Marie Claire" mantêm, como o fator econômico exigido das leitoras, ou seja, para adquirir o que essas revistas oferecem é necessário ter um nível sócio-econômico muito alto.

Notamos também que a maioria dos assuntos abordados nessas publicações se dirigiam ou para adolescentes ou para mulheres, com nível superior completo, que já encontraram estabilidade, como emprego fixo e/ou casa própria.

Nesse momento vislumbramos a idéia: vamos fazer o projeto de uma revista dirigida para mulheres de 20 a 30 anos, universitárias ou pleiteando uma vaga na universidade, a procura de um espaço no mercado de trabalho.

As dificuldades com o projeto e de como o trio foi formado

Parecia fácil, até iniciarmos a disciplina Técnicas de Projetos, com o professor Eduardo Meditsh. Foi praticamente desesperador. O professor nunca aprovava o nosso projeto - foram quatro - mas não indicava o que deveríamos fazer para que ele ficasse melhor, ou ao menos aceitável. Foi então que convidamos a professora Aglair M. Bernardo para ser nossa orientadora. Depois de uma reunião com ela, quando nos chamou de maluquinhas e afirmou que se nós continuássemos escrevendo daquela maneira as coisas iam ficar feias, foi fácil. Tivemos que estruturar todo o projeto passo a passo, mas daí já com o conhecimento adequado para se construir um projeto. Descobrimos o quanto é difícil lançar qualquer tipo de publicação. Conseguimos montar um projeto que foi aceito pelo professor Eduardo Meditsh, e foi uma surpresa agradável tirar um 9,0. Renata Nymberg apareceu nesse meio tempo.

Na verdade eu e Stella ainda pensávamos que seria possível concluir um projeto – uma revista impressa – só com a nossa inteira dedicação e carinho. A Renata teve problemas quanto à escolha de seu TCC e quando se deu conta estava sem projeto. Ela também gostava da idéia de fazer uma revista feminina bem moderna e diferente das outras. Quando propôs parceria conosco, avaliamos melhor os prós e os contras e caímos na real: só com nós duas vai ser impossível! Além disso, ambas estávamos trabalhando para tentar uma renda extra: eu no Jornal da Lagoa e a Stella com uma bolsa no CTC, portanto, não podíamos dedicar tanto tempo integral assim. Faltavam reforços no nosso batalhão. Concordamos então em “anexar” a Renata ao grupo. Assim se formou o trio mais imediato do curso de Jornalismo da UFSC.

Planos e a escolha do nome

Renata injetou sangue novo no projeto. Veio com idéias novas, conceitos diferentes e mais prática em matéria de editoração eletrônica. Já estávamos sendo orientadas pela Aglair, e passamos a nos reunir toda quinta de manhã, na sala dela. As conversas corriam soltas, discutíamos pautas, maneiras diferentes de diagramação e fotos. Consultamos diversas revistas que ousavam na disposição das matérias e ilustrações, tiramos idéias de variados lugares.

Começamos a pensar num nome. Tinha que ser forte, que ficasse gravado na cabeça das pessoas. Tinha que ser bonito, sonoro. Tinha que oferecer possibilidades quanto à sua disposição e forma. A Stella, estudando nosso público - mulheres de vinte a trinta anos, em sua maioria universitária, em sua maioria solteira, sem filhos, a procura desesperada de um emprego - pensou em "Single", ou solteira, em português. Gostamos, mas algo me dizia que existia uma barreira contra nomes em outro idioma. Dito e feito, Aglair disse que tranqüilamente poderíamos encontrar um nome, em português, que se enquadrasse com a cara da nossa publicação. Começamos a nos preocupar. Em casa, peguei um dicionário e comecei a abrir e escolher, aleatoriamente. Quando percebi já tinha duas folhas. Levei para mostrar às garotas, que não gostaram de nenhum. Que tempo perdido! Mas resolvemos mostrar à nossa cara orientadora e ela, sem mais nem menos, desencavou dentre inúmeros outros nomes o futuro escolhido: "Gostei de Imediata..., é forte, tem tanto sentido", disse Aglair. Fiquei satisfeita porque meu árduo trabalho e meus olhinhos cansados foram recompensados pelo esforço.

Nós ainda queríamos encontrar um outro nome, algo que chamasse mais atenção, que não se assemelhasse a nomes de absorvente íntimo ou tinta de cabelo. Não encontramos e sem perceber, no meio do projeto nós já amávamos "Imediata".

Revista Impressa?

Nossa primeira matéria foi feita de maneira coletiva. Foi a matéria de moda, sobre as lojinhas da Conselheiro Mafra e da Felipe Schmidt que vendem roupa bonita e barata. Entrei em contato com uma estudante de moda da UDESC, nos encontramos e a matéria saiu. Só que as fotos foram em preto & branco...

Aliás, esse detalhe foi o responsável por um certo desapontamento com o projeto. O orçamento de 3.000 revistas, 16 páginas, A4, papel off set e preto & branco já era muito caro. Cores ficavam restritas à nossa fértil imaginação. Mas continuamos em frente, firmes e fortes. Nos encontros na casa de nosso co-orientador, o professor Clóvis Geyer, tratávamos de montar algumas páginas da revista e sanar dúvidas básicas com o mestre.

Mas os problemas com o lado financeiro da questão estavam se agravando. Nós não teríamos como bancar a revista sozinhas. Deveríamos procurar algum patrocínio e/ou vender espaço publicitário. Mas quem se habilitaria a bater de porta em porta representando uma revista experimental, nova no mercado, com distribuição ainda não muito bem definida e com chances de ser restrita a alguns locais? É, porque nas bancas teríamos que pagar uma comissão para o jornaleiro, o que não seria muito interessante.

A possibilidade alternativa de lançarmos uma revista na Internet era conhecida, mas nós nem queríamos pensar a respeito. "Queremos ver nossa revista circulando por aí".

Tentativas frustradas

Como eu trabalho no "Jornal da Lagoa", na Lagoa da Conceição, entrei em contato com a moça que faz os contratos comerciais de lá e a convidei para vir trabalhar conosco. Como ela recusou terminantemente, além de me aconselhar a abandonar o projeto de uma revista feminina, "Faz um jornal comunitário do bairro Kobrasol, assim tu vais ganhar algum dinheiro...", comecei a sentir que nossos problemas estavam só no início.

Depois disso procurei uma garota do curso de jornalismo que já havia trabalhado com o "Jornal da Mulher". Pedi à ela que me indicasse quais eram os responsáveis pelo comercial, mas não obtive resultados. Supostamente nenhum deles (eram três) tinha telefone.

A essa altura do campeonato nós já tínhamos coberto algumas pautas, já tínhamos nomeado Stella como a fotógrafa oficial do trio e já estávamos criando logos e escolhendo fontes. Colegas que também estavam desenvolvendo uma publicação impressa saíram na frente, conseguiram um contato comercial e venderam espaço suficiente para pagar a gráfica. Foi um banho de água fria. Fizemos mais uns quatro orçamentos, diminuímos ao máximo os recursos que eventualmente teríamos à disposição, mas de nada adiantou. Era grana da qual nós não disporíamos.

Num belo dia eu me encontrava na casa da Stella, nós duas em cima do computador discutindo uma página qualquer quando ela, sempre com os nervos a flor da pele, disse que faltavam X dias para o fim do semestre e que este tempo era muito curto. Concordamos imediatamente que a revista teria que ser *on line*, para que saísse no prazo, para que nós pudéssemos nos formar e porque seria mais fácil, pelo menos teoricamente. Conversamos com a Renata e a decisão foi acertada. Partimos para a desconhecida publicação on line.

Desapontadas e de como mudamos de idéia, mais tarde

O que aconteceu é que nós três ficamos com uma ponta de frustração que na verdade era mais um iceberg. Nosso maior sonho até então era poder dobrar nossa revista e guardar dentro da bolsa, era poder ler dentro do ônibus, era poder levar prá casa e mostrar prá mãe que não entende nada de Internet. Mas não foi possível.

Na primeira reunião pós-impresso e pré-on-line na casa de Clóvis confesso que saí com o cabelo em pé. Que raio de programa é esse Dreamweaver? E esse tal de Flash? E eu nem sabia mexer direito no Photoshop... paciência, vamos ter que aprender tudo, e bem rápido.

Então a Renata conseguiu o CD do Dreamweaver com um amigo do namorado e finalmente todas as imediatas puderam ter o material necessário em seus respectivos computadores.

De posse de todos os programas necessários e com a maioria das matérias concluídas, começamos a montar o que seria a nossa revista. Nessa parte entra o Fabrício, namorado da Renata. Durante uma semana em que seus pais estavam viajando nós praticamente passávamos todas as tardes lá e, pouco a pouco, mas progressivamente, fomos dominando o antes tão desconhecido Dreamweaver - afinal de contas não era um bicho de sete cabeças.

Então aconteceu algo bárbaro, pelo menos para mim. Eu, que tanto queria sentir o áspero papel de minha primeira publicação entre meus dedos, descobri que ela, na Internet, seria muito mais bonita e teria muito mais recursos gráficos. Quanto à minha família, bom, já existe Internet em Tubarão, e minha querida mãezinha foi uma das primeiras a me dar força total para entrar no tão promissor mundo das publicações eletrônicas. Passei então a adorar a idéia da revista on line. "Como eu não tinha pensado nisso antes? É mais fácil, mais barato, mais rápido, mais bonito e todo o mundo pode ver, literalmente".

Dreamweaver e críticas

Acho interessante deixar especificadas as áreas em que cada uma de nós se dedicou com maior afinco. Eu fui a responsável pela maior parte dos textos, quando saíamos as três juntas para fazer matérias. A Stella foi a fotógrafa oficial e a Renata era a expert no Dreamweaver, este ex-desconhecido.

Tanto Stella quanto Renata foram fundamentais para a conclusão do projeto, mas encontraram inúmeras dificuldades quando se tratava de equipamentos. E aqui vão algumas críticas: como Stella não possuía câmara fotográfica, recorreu ao laboratório de foto por duas vezes. Infelizmente foi surpreendida, na segunda vez, pelo professor Ivan Giacomelli que, aliás, tinha dado permissão, inclusive assinando um documento, para que nós tivéssemos acesso aos equipamentos do Laboratório de Foto, já que estávamos na condição de formandas trabalhando no TCC.

E em relação aos equipamentos de informática, tivemos que "tirar leite de pedra". A "vítima" disso tudo foi o professor Clóvis, que nos aturou durante um bom tempo com muita paciência e bom humor, emprestando seu scanner e seus computadores.

É complicado concluir um projeto de peso como um Trabalho de Conclusão de Curso, que exige empenho e dedicação integrais da parte dos envolvidos, quando encontramos, no meio do caminho, dificuldades provenientes da estrutura da instituição a qual estamos representando, no caso, a UFSC. Se não fosse pela boa vontade de muitos nós definitivamente não teríamos concluído o site.

Também é interessante salientar a dificuldade que tivemos ao termos que lidar com um novo tipo de aplicativo, nunca visto antes, o Dreamweaver. Construir a "Imediata" foi uma experiência fascinante também porque adquirimos experiência em áreas que antes desconhecíamos.

Problemas com o lançamento...

Nós três tínhamos planos para lançar a "Imediata" na rede lá por novembro, mas fomos protelando tanto, descobrindo que muita coisa não estava pronta ainda, que faltavam detalhes importantes, que só conseguimos nos organizar para baixar o projeto na segunda semana de dezembro (uma semana antes da banca!).

Para mim foi o período de maior sofrimento. Só as pessoas que convivem comigo sabem como fiquei a beira do pânico. A Renata levou os disquetes com o material para o responsável pela área de processamento de dados e manutenção da rede, no Centro de Comunicação e Expressão, espaço onde seria colocado nossa revista e... simplesmente nada funcionou. Foram três noites sem dormir pensando no que poderíamos fazer para solucionar o problema. "Porque não me avisaram que além de todos esses programas que eu tive que aprender, tinha esse tal de FTP também?", pensava.

Daí no maravilhoso dia 10 de dezembro, quinta-feira, lá pela 1:30 da tarde, depois de muitas tentativas frustradas da Renata, voltamos ao responsável pela rede e ele desvendou o problema - os arquivos htm deveriam ser salvos como html. Só isso, basicamente. A revista estava ao alcance do mundo!

Mas ainda restavam alguns problemas: o site ficou absolutamente descoordenado no Netscape, os textos em cima, os logos no meio, as fotos embaixo, uma confusão. Só foi possível acessar a revista pelo Explorer. E outro: para nossa desolação, o endereço eletrônico ao qual tivemos direito, como alunas, foi o www.cce.ufsc.br/~9618334. Horrível, não é mesmo? Como faríamos divulgação de uma página com uma monstruosidade dessas como endereço? Segundo o homem do CCE, não era possível mudar. Foi aí que Super Aglair entrou em ação: pediu para o coordenador do CCE falar conosco. Daí foi fácil. O Felício falou com o Hélio, que assinou um ofício pedindo que nosso domínio fosse vinculado à Universidade Aberta. Entregamos o ofício ao Núcleo de Processamento de Dados, da universidade, e conseguimos o tão almejado e acessível endereço www.imediata.ufsc.br.

A hora da opinião pública e o porquê dos fundos coloridos

Bastou lançarmos a revista para ouvirmos opiniões divergentes de várias pessoas. Alguns não teciam quaisquer comentários, outros disseram que a proposta era boa, mas faltava uma "amadurecida", outros nos parabenizaram, taxaram a revista como "muito legal", e alguns simplesmente disseram que "não gostaram".

Talvez alguns possam pensar que os fundos coloridos e diferenciados que utilizamos nas nossas páginas serviram apenas para que ela não desenvolvesse uma identidade própria. Mas não concordamos com isso. Optamos por uma diversidade de cores, logos e formatos, nas páginas, para dar um tratamento especial a cada sessão, ou seja, a página "Identidade", que conta com o perfil de Maria Terezinha Ferreira (Tê), a mulher cor-de-rosa, não poderia ter outro fundo senão o rosado, e para ilustrar, nada melhor do que galerias com os objetos preferidos de Tê. Já nas páginas "In cena", de cultura, bastou um fundo discreto, as imagens dos livros, filmes e discos e os textos, porque eram meramente informativas.

Em relação aos textos, é aquela velha história, pela primeira vez tivemos que escrever para a Internet. Alguns textos, inclusive, já estavam prontos para a revista impressa que pretendíamos lançar. Só no final do semestre que conseguimos captar o texto de Internet, que deve ser mais curto, mais ligeiro, sem muitas delongas.

As pautas, essas nós decidimos em conjunto com a Aglair, trazendo assuntos que nos interessavam, discutindo pautas já bastante usadas por outros veículos de comunicação, mas que não são apresentadas com o enfoque adequado, segundo nosso ponto de vista.

Capítulo à parte, mas nem tanto à parte assim

Não sei se é necessário incluir esse tipo de informação no relatório, mas ela teve fundamental importância no meu estado de espírito durante todo o último semestre: eu morava nas proximidades da universidade, dividindo uma casa com mais três meninas. Já andava apertada financeiramente falando, até que briguei sério com uma delas e corri para a casa do meu namorado, de onde não saí até a conclusão do projeto. Todo o equipamento que eu usei era dele, as caronas de ida e volta e muita grana emprestada que eu ainda não paguei. Devo muito a ele, só que dividir espaço com uma família que não é a sua é bravíssimo. Diversas vezes eu saí de casa (da casa dele) estressadíssima por ter entrado em conflito com sua mãe ou um de seus irmãos. Foi barra não ter dinheiro nem qualquer outro parente para morar junto. De qualquer maneira, meu namorado me deu muita força com o projeto e se não fosse por ele talvez eu tivesse voltado para a minha monótona terrinha natal.

A gente ganha pouco mas se diverte...

Durante toda a realização do projeto eu confesso que me diverti muito mais do que em todos os quatro anos de universidade. Uma das ocasiões mais marcantes foi a entrevista que fizemos com a Gretchen e a Rogéria, na boate GLS Chandon, na qual eu e Renata nunca tínhamos pisado antes. As duas estrelas, principalmente a segunda, deram um show à parte e garantimos só nessa ocasião muito humor e baixaria prá colocar no relatório - mas não deve ser de bom tom.

Outra matéria divertida que fizemos foi uma sobre masturbação feminina, quando eu e Stella fomos até um sex shop na cidade para saber a quantas anda a curiosidade e a participação feminina em relação aos tentadores brinquedinhos de borracha.

As reuniões em casa de Clóvis, então, eram verdadeiros festivais gastronômicos de muito junk food. As trágicas Pringles, os indefectíveis amendoinzinhos, preferidos de Stella, bolachas água e sal, cerveja, muito café e muito cigarro. E muito papo. Às vezes nós jurávamos que o Clóvis estava a ponto de nos mandar embora de lá.

Não posso deixar de citar a festa de aniversário da Aglair, no bar Soho. As três imediatas, eu, Stella e Renata, levaram seus respectivos imediatos, Fabiano, Caco e Fabrício, que foram muito azarados na casa GLS, para desespero deles. A hora do parabéns e do "é pica é pica, é rola é rola", no banheiro, foi inesquecível.

E os agradecimentos vão para...

Espero ter atingido meu objetivo com a Imediata, que era o de servir à mulheres mais ou menos da minha idade, que tenham dúvidas como as minhas e problemas como os meus, mas que também encarem a vida de uma maneira especial, que saibam reconhecer seu lugar ao sol. Mulheres modernas, inteligentes e dispostas a fazer alguma coisa para melhorar um pouquinho o mundo, todos os dias.

Agradeço a minha mãe, por tudo;

Agradeço aos meus orientadores, Aglair Bernardo e Clóvis Geyer, pelo apoio integral, por toda a força e impulso que nos deram durante o decorrer deste semestre e por sempre acreditarem em nós;

Agradeço às imediatíssimas Stella Bousfield e Renata Nymberg, por estarem sempre ao meu lado, ouvindo meus dramas e chorando no meu ombro. Porque nos tornamos amigas;

Agradeço à Henrique Finco, Regina Carvalho, Fabiano Eduardo Ferreira, Fabrício Rodrigues, Rafael Sens, Samanta Lopes, Daniela Novelli e outros, porque de uma maneira ou de outra contribuíram para que nosso projeto fosse concluído;

Agradeço a mim, porque às vezes me falta modéstia e também porque descobri que posso atingir meus objetivos apenas através de meus esforços.

Cíntia Teixeira dos Santos

Bibliografia

Livros:

HITE, Shere. *O relatório Hite*

PASCOLATTO, Constanza. *Essencial*

KITZINGER, Sheila. *A mulher e o sexo*. Editora Interamericana/ 1ª edição em português, 1985.

HOLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Tendências e Impasses, o feminismo como crítica da cultura*. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

Cadernos Pagu - Gênero, tecnologia e ciência. Campinas, Pagu - Núcleo de Estudos do Gênero/ Unicamp, 1998.

BLOCK, Roger. *Websites que funcionam*. Editora Quark.

FLIEDL, Gottfried. *Gustav Klimt*.

Revistas:

Nova

Cláudia

Capricho

Marie Claire

Putz!

Vogue

Palavra

Trip

Sites:

www.banheirofeminino.com.br

www.woman.com

www.skirt!.com

www.cade.com.br

www.yahoo.com

www.metaminer.com.br